

O papel da educação patrimonial na contribuição para preservação/conservação do patrimônio cultural¹.

The role of the patrimonial education in the contribution for the preservation / conservation of the cultural heritage.

Fabiolla Falconi Vieira²

Resumo: Através do Estágio de Patrimônio Cultural, realizado no curso de História da Universidade do Estado de Santa Catarina, foi possível vivenciar a experiência de se trabalhar no Ateliê de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis – ATECOR. Trabalhando na restauração e conservação das obras da série “Avulsos”, do artista Aldo Nunes, foi possível observar as transformações urbanas ocorridas em Florianópolis durante os anos 70 e 80 e, a partir de sua análise, como essas mudanças se relacionam com a questão da preservação do patrimônio cultural de Florianópolis. Através desse estágio, foram elaboradas oficinas de educação patrimonial, as quais foram ministradas na Escola de Ensino Básico Porto do Rio Tavares. Nesse sentido, esse ensaio visa descrever a experiência de aplicação dessas oficinas em uma escola pública de Florianópolis.

Palavras-chave: Patrimônio Cultural; Educação Patrimonial; Estágio; Transformação Urbana.

Abstract: Through the Stage of Cultural Heritage, held in the course of History at the State University of Santa Catarina, it was possible to live the experience of working in the Conservation Workshop and Restoration of Movable Cultural Goods - ATECOR. Working in the restoration and conservation of the works of the series “Separated,” by the artist Aldo Nunes, it was possible to observe the urban transformations that have occurred in Florianopolis during the 70s and 80s, and from their analysis, how these changes relate to the issue of preservation of the cultural heritage of Florianópolis. By this stage patrimonial education workshops have been elaborated, which were held at the Port of Rio Tavares School of Basic Education. In this sense this essay aims to describe the experience of the application of these workshops in a public school in Florianópolis.

Keywords: Cultural Heritage; Heritage Education; Training; Urban Transformation

¹ Ensaio produzido como produto do estágio curricular de Patrimônio Cultural.

² Graduada em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina e pós-graduanda pela Universidade do Estado de Santa Catarina.

Aplicando as oficinas acerca de conservação de bens patrimoniais e transformações urbanas em Florianópolis, na 3ª e 4ª séries da Escola Básica Porto do Rio Tavares, que foram elaboradas graças ao estágio da disciplina de Prática Curricular Patrimônio Cultural, no Ateliê de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis – ATECOR, pude vivenciar algumas experiências acerca da educação patrimonial no ambiente escolar.³ Quando preparamos nossas oficinas, tínhamos em mente trabalhar com a transformação urbana de Florianópolis, devido às obras de Aldo Nunes, e trabalhar com conservação de livros didáticos, devido ao trabalho de conservação que realizamos ao longo do semestre nas obras deste renomado artista. De fato, foi o que propusemos à escola. Montamos a primeira oficina com quase em todos os processos de conservação realizados em papel (identificação, limpeza, limpeza mecânica, consolidação e planificação), deixando de lado somente algumas etapas que seriam perigosas de se trabalhar com crianças e outras que não seriam possíveis de se fazer dentro da sala de aula, mas, mesmo assim, enfatizamos os devidos processos explicando pontualmente.

O trabalho de conservação promovido pelo ATECOR é baseado no Comitê do Conselho Internacional de Museus – ICOM – para conservação e restauração, que convencionou a profissão de conservador-restaurador, e estabelece alguns padrões acerca desses processos, levando em consideração diversos fatores – obra, autor, curador, tempo de serviço, risco etc. Existe todo um material específico utilizado para o devido trabalho, e procuramos mostrar para as crianças, passo a passo, qual a importância de se utilizar cada um deles e, como objetivo maior, a importância de se preservar “algo” que consideramos como patrimônio cultural – não somente nosso (colocado aqui como “eu”), mas coletivo. A princípio, distribuímos a cada uma das crianças um *kit* composto por avental, luvas e máscaras, chamados de proteção individual, e que têm uma importância fundamental no momento em que determinados materiais são manuseados, em nosso caso, os papéis que porventura apresentam fungos, mofo etc., que podem prejudicar o corpo humano. À medida que a oficina tomava rumo, debatemos conceitos de conservação patrimonial para despertar o sentimento de pertencimento acerca do assunto, que para Maria Beatriz Pinheiro Machado é um fator importante para a educação patrimonial – e, em consequência, a preservação – por ser responsável pelo interesse em determinado objeto. Sem esse pertencimento, não é possível “se achar” dentro do grupo que selecionou esses objetos, conseqüentemente, o processo de assimilação dos significados que esse objeto transmite fica prejudicado.⁴

Dando sequência aos processos de conservação, observou-se atentamente, identificando e anotando na ficha de identificação que confeccionamos para a oficina, os problemas que o papel apresentava. A cada problema identificado,

³ Gostaria de esclarecer que qualquer experiência, mesmo que não seja tão proveitosa quanto se espera, sempre é um aprendizado muito valioso.

⁴ MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro. Caixas de Memória. *Revista Ciências e Letras*, Porto Alegre, n° 31. 297-305, Jan/Jun 2002.

discutia-se o significado de cada um deles, seus problemas em relação ao papel e de que maneira poderia ser realizado o reparo. Foi realizada também a higienização com a trincha, a limpeza mecânica com pó de borracha e a consolidação com a cola metil celulose, que permitiram às crianças conhecerem os processos de degradação do papel, abrindo espaço para discussões acerca da conservação dos mesmos. A partir daí, pode-se discutir também a importância da preservação dos bens culturais baseados em discussões feitas durante nossa disciplina de Patrimônio Cultural e o estágio curricular. A participação efetiva dos alunos foi fundamental na aplicação dessa oficina, percebendo-se, porém, que é necessário elaborar diferentes métodos para séries distintas, devido às faixas etárias diferentes.

Quando aplicamos essa oficina na 4ª série, juntamente com o professor da turma, sentimos que ela foi de fácil assimilação, contou com a participação plena de toda a turma. Porém, com a 3ª série, não funcionou como esperávamos. A professora não estava presente na sala de aula – acreditamos que esse tenha sido um fator desfavorável, pois éramos duas estranhas dentro da sala, trabalhando algo que até então não havia sido discutido. E talvez o método de participação plena nos diversos processos de conservação não tenha sido a melhor escolha para essa faixa etária, porque são processos “demorados” e precisam de certa paciência, o que, nessa idade, efetivamente não se tem muito. É difícil de avaliar o quanto foi apreendido com a oficina, mas, tendo em vista a participação e colaboração, acredito que tenham conseguido abstrair (para lembrar Vigotski) o necessário para uma melhor compreensão do processo de conservação e preservação dos bens culturais.

Na segunda oficina, buscou-se enfatizar a questão das transformações urbanas em Florianópolis, realizando um jogo de pistas. Essa oficina aplicou-se somente na 4ª série, com o uso de um cartaz que continha diversos envelopes colados nele, que continham textos, imagens e pistas referentes a monumentos mais conhecidos como a Ponte Hercílio Luz, Casa de Câmara e Cadeia, Casa de Victor Meirelles, Mercado Público, Alfândega e Praça XV de Novembro.⁵ Durante a aplicação da oficina, foram discutidas as noções de conservação desses bens patrimoniais, a importância deles para o coletivo e a noção do que vem a ser patrimônio cultural, ou seja, porque determinados objetos são considerados patrimônios, em detrimento de outros. Nesse aspecto, foi trabalhada a memória coletiva dos alunos, pois a memória individual acerca desses monumentos quase não está presente, já que nem todos conheciam os locais trabalhados. É interessante perceber como a memória coletiva – não só ela, mas a individual também – é moldada a partir das necessidades que o próprio presente coloca. São crianças de 4ª série com cerca de 9 e 10 anos e quase não visitaram esse locais, mas que os conheciam como se já estivessem estado lá, ou até mesmo vivenciado algum momento de suas pequenas vidas. Por isso, deve-se tomar os devidos cuidados ao se trabalhar com

⁵ A pesquisa referente a esses monumentos foi baseada, principalmente, em algumas oficinas do projeto de extensão “Aventura do Documento!”. Esse projeto é realizado pelo Laboratório de Patrimônio Cultural, da Universidade do Estado de Santa Catarina, e coordenado pela professora Janice Gonçalves.

a memória coletiva – e foi o que tentamos fazer durante cada uma das oficinas –, buscando não cair nas armadilhas que ela nos oferece. Estando sempre cientes de que Memória não pode ser objeto de “resgate”, pois ela não deve ser confundida com os suportes pelos quais indivíduos, grupos e sociedades constroem e continuamente reconstruem (sempre em função das necessidades impostas pela situação) uma autoimagem de estabilidade e permanência. Trata-se de um processo historicamente mutável, de um *trabalho*,⁶ e não de uma coisa objetivada ou de um pacote fechado de recordações.

Durante a aplicação das referidas oficinas,⁷ chamou-me a atenção a necessidade do uso de materiais lúdicos durante as aulas. Percebe-se o quão fascinante é para as crianças esse mundo de pesquisas ainda pouco explorado pelos professores. Nesse sentido, quando penso em uma sala de aula e lembro (ainda que a memória possa nos enganar) de quando estudei no ensino fundamental, não percebo uma grande diferença em relação ao ensino – ainda que tenha se passado um curto espaço de tempo desde que saí do ensino fundamental. Percebo, ainda, um forte apego ao livro didático, como única forma de aprendizagem, do tipo “leia e responda”, e que na maioria das vezes torna-se monótono para os alunos. Enfatizo aqui as palavras de John Dewey, colocadas por Menezes, que nos diz que “educar é garantir ao indivíduo condições para que ele continue a educar-se”, e me pergunto qual tipo de condições são as melhores a serem oferecidas aos alunos. As respostas que encontro geralmente não me satisfazem, e penso isso como um aspecto positivo, tentando sempre buscar novas maneiras de aprendizagem para futuramente aplicá-las. A educação não pode ser pensada como uma via de mão única, ela consiste em algo que transita entre diversos indivíduos.

Da mesma forma que o professor busca passar seus conhecimentos ao aluno, este transmite, tempo todo, seus conhecimentos e vivências ao professor, fazendo com que ele possa perceber e compartilhar experiências vividas, aumentando seu próprio conhecimento.⁸ Assim, a educação patrimonial pode ser pensada como uma maneira de dinamizar a educação, não somente no ensino de história, mas em diversas disciplinas, pois ela é transdisciplinar e pode ser abordada de diferentes aspectos.⁹ Cabe lembrar que, nas últimas décadas, ela vem assumindo um papel importante e diferenciado em nossa sociedade. A intenção de preservar determinados elementos de valores comuns aos indivíduos pode ser crucial na criação de uma identidade comum dentro do espaço escolar. O que não se deve esquecer é que, para utilizá-la, é necessário um conjunto de ações que visem aplicá-la de uma forma mais adequada. Para isso, instituições escolares, juntamente com os órgãos com-

⁶ Idem.

⁷ KNAUSS, Paulo. Sobre a norma e o óbvio: a sala de aula como lugar de pesquisa. In: NIKITTIUK, Sônia L. (org.). **Repensando o ensino de História**. São Paulo: Cortez, 1996. (Questão da nossa época, 53). p. 23-46.

⁸ OROFINO, Maria Isabel. A escola como espaço de produção cultural. In: **Mídias e Mediação Escolar**: pedagogias dos meios, participação e visibilidade. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2005.

⁹ FONSECA, Selma Guimarães. **Interdisciplinariedade, transdisciplinariedade e ensino de história**. Campinas-SP: Papyrus, 2003.

petentes, devem buscar cursos de aperfeiçoamento para professores, que têm uma participação crucial nesse processo já que são eles quem dão sentido aos projetos.¹⁰

Tornar a educação patrimonial um hábito dentro do ambiente escolar ainda é um desafio que deve ser superado. Devem-se elaborar projetos, estudar, compreender, para daí então poder aplicá-los na prática. Por isso, a importância do conhecimento acerca do que é, efetivamente, um patrimônio cultural e qual seu sentido perante nossa sociedade. Para esse conceito, gosto da colocação da autora Horta, que nos coloca que educação patrimonial é [...] um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no patrimônio cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho da Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural.¹¹ Entender dessa forma a educação patrimonial já me parece um bom começo para pensá-la de forma a ser utilizada dentro de uma sala de aula.

Referências

FONSECA, Selma Guimarães. *Interdisciplinariedade, transdisciplinariedade e ensino de história*. Campinas, SP: Papirus, 2003.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. *Guia Básico de Educação Patrimonial*. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.

KNAUSS, Paulo. Sobre a norma e o óbvio: a sala de aula como lugar de pesquisa. In: NIKITIUK, Sônia L. (org.). *Repensando o ensino de História*. São Paulo: Cortez, 1996. (Questão da nossa época, 53). P. 23-46.

MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro. Caixas de Memória. *Revista Ciências e Letras*. Porto Alegre, nº 31, p. 297-305, Jan/Jun 2002.

OROFINO, Maria Isabel. A escola como espaço de produção cultural. In: *Mídias e Mediação Escolar: pedagogias dos meios, participação e visibilidade*. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2005.

Data de submissão: 2012-06-07

Data do Aceite: 2012-08-08

¹⁰ MACHADO, Op. cit.

¹¹ HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.